



O Gaiato



Quinzenário • 23 de Março de 1991 • Ano XLVIII — Nº 1227 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PARTILHANDO

Inquietude

• Boa Amiga:

Aquele homem vendeu tudo o que possuía para comprar o campo onde, tinha a certeza, estava o tesouro. Um campo cheio de silvas e pedras! Que lhe importava? Nele se escondia o seu tesouro. Não hesitou. Comprou-o. Opção radical.

Assim nós. Custa. Ferem as silvas e as pedras, mas só por elas nós chegaremos ao tesouro.

Tem razão quando diz que há muito pedregulho. Por certo, sim, a falta de acolhimento. Claro que concordo no empenhamento, esforço para diálogo, a abertura e actualização.

Sabe que também nós, para sermos acolhidos, temos que ser humildes e compreensivos.

Aqui tem o que penso sobre a sua cartinha que revela inquietude e um grande desejo de se realizar. Mergulhe. Sabe Deus o que iremos encontrar quando mergulharmos no mar... Rochedos, destroços, tubarões...

O mergulho na Obra da Rua deve ter o selo da fé e uma grande confiança no Senhor.

Encontro-Convívio em Gouveia

• Se Deus quiser, será da terça-feira depois da Páscoa até sexta (2 a 5 de Abril) o Encontro de senhoras que amam a Obra da Rua. Encontro-Convívio. Momento oportuno para atizar o Fogo. Ocasão para meditarmos nos caminhos da entrega e da disponibilidade.

Entendemos por entrega a doação total à Obra da Rua.

Por disponibilidade, uma ajuda temporária. Como nos períodos de férias ou na substituição para descanso das senhoras que servem a Obra.

• Vocação é dom do Senhor. Por iniciativa d'Ele. Um presente.

Talvez o Senhor tenha já tomado a iniciativa e tenha partido ao teu encontro.

O Encontro-Convívio será tempo favorável para ouvires a Sua voz. Fica atenta. Ele virá no «murmúrio duma leve brisa».

• O barro nas mãos do oleiro. Inerte e frio; informe e dócil; brando e cativo; entregue e confiante. Nasce a forma e a perfeição. Um vaso novo!

Nós, o barro. Deus, o Oleiro.

Que ternura e agilidade de mãos na forma que Ele quer para realizar o Seu projecto!

Que docilidade e entrega, a nossa, para que as mãos da Providência não caiam numa atitude de desânimo!

Não falham as mãos do Oleiro!

Continua na página 4



Abraço fraterno. Sorriso gaiato.

Nota da quinzena

O ÓBULO da viúva, de que nos fala o Evangelho, parecia, à primeira vista, um acontecimento banal que não merecia importância. Assim pensavam as pessoas. Das muitas que passavam em frente da caixa das esmolas para deixarem alguma coisa, a viúva mereceu um reparo, entretanto. Não por ser viúva nem por dar muito ou pouco, mas porque deu com muito amor. O mesmo é dizer com muito sacrifício. Deu do que lhe fazia falta. Os outros davam do que lhes sobrava.

Temos, aqui, um critério seguro para avaliarmos em peso e medida o que somos e o que temos; o que damos e o que fazemos. Necessitamos de luz para não nos enganarmos.

No juízo que o Senhor faz, não vejo a condenação de nada nem de ninguém; vejo, antes, um apelo ao mais perfeito; já que não veio destruir mas aperfeiçoar. Fazem falta na vida pontos de referência certos, para não se perder o equilíbrio. Deste modo, os nossos gestos não serão notícias de sensação, antes sinais de vida digna e decente.

Na tarde do passado domingo, enquanto conversava com visitantes interessados, o chefe dos cicerones veio dizer-me que uns senhores queriam falar comigo. Desci as escadas e dei com os olhos primeiro na mãe que faz a apresentação do marido e dos filhos. Num cantinho da sala de recepção, mais conhecida pela sala dos cicerones, aquela mãe diz ao que vem: «Este meu filho quer entregar o seu primeiro ordenado, do seu primeiro emprego depois de tirar o curso». Naquele lugar, com a simplicidade e discrição de quem realiza uma coisa grande sabendo só que é «poucoquinho», repetiu-se a passagem da viúva com a beleza do seu

DIREITOS DA CRIANÇA

O estado de fraqueza de autoridade em que tão frequentemente tropeçamos no exercício desta vida ao serviço dos Fracos, traz-me à mente aquela quadra do António Correia de Oliveira:

«Há de servir a servil
Diferença que muito importa.
Servir é vara direita
Que é servil quando se entorta.»

Servir é o verbo da Autoridade. Que se entorta quando resvala para qualquer dos seus extremos: autoritarismo ou relaxe.

Servir é uma acção que pressupõe clareza de pensamento sobre o objectivo a atingir: o Bem dos a quem se serve; e fortaleza de vontade para atingi-lo. Sem certeza de rumo, sem critério firme, anda-se à toa. Sem firmeza de vontade, fica-se pelo caminho, que ele é cheio de obstáculos, de contradições... — nada fácil! Um caminho que tenda para a Verdade, para a Justiça, para a Paz social!

Um sinal dos nossos tempos me parece a timidez em moda de ter certezas. Realmente ninguém tem a certeza perfeita; nenhum

Continua na página 3

SETÚBAL

O grito dos Pobres

O grito dos Pobres ecoa com tanta violência que é impossível abafá-lo.

O mundo pretende silenciá-lo ou então promover-se à custa dele. Os grandes repercutem-no para se aproveitarem, não por dor nem compromisso — mas por conveniência.

É urgente que os cristãos não procedam da mesma maneira, mas se ergam dentro de si repartindo tempo, as capacidades pessoais e sobrenaturais, as possibilidades económicas e associativas, à maneira do Mestre.

O que não for assim, é vão e não resulta. Está aí a História a confirmá-lo com a evidência que só as ilusões humanas actuais teimosamente pretendem iludir.

O Padre Américo desenvencilhou-se destas e com o seu exemplo e palavra pretendeu mostrar à Igreja o verdadeiro, seguro e único caminho: «Cada paróquia cuide dos seus Pobres»!

«Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, a Boa Nova é anunciada aos Pobres» (Lucas 7.22). A História comprova que quando a Boa Nova é anunciada aos Pobres, «os cegos vêem, os coxos andam... os mortos ressuscitam».

A vida do Padre Américo e outros homens da Igreja e de tantos pequeninos ocultos abona a verdade que a Sabedoria divina revelou e a experiência demonstra.

Atenção!, que anunciar a Boa Nova é promover todas as condições para que os Pobres sintam o amor de Deus manifestado sempre através dos homens.

Continua na página 4

Continua na página 3

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• Aquela jovem, órfã de pai, estende a mão por remédios para a mãe. Ela, porém, também sofre de alguns achaques.

Entrega a receita da Caixa, esclarece que um medicamento não está incluído porque «eles não pagam» e acrescenta: — *A minha mãe não passa sem este remédio!*

Suprimos.

Que seria desta pobre viúva se não fosse a partilha dos leitores!? Só viveria da mísera pensão de sobrevivência.

Outra sobrecarga para lares onde impera a doença: «*Os preços dos medicamentos não participáveis sofrem um agravamento médio ponderado de 12%, de acordo com um despacho normativo do Ministério do Comércio e Turismo, publicado no Diário da República e enquadrado na portaria 29/90, de Janeiro, que determina o coeficiente referido seja publicado até 28 de Fevereiro.*»

No entanto, parece que os homens públicos estão já dispostos a reflectir no grave problema dos fármacos para (alguns) doentes pobres... Não é sem tempo! As carências são nítidas.

• Vale a pena acentuar que, no meio dos Pobres e não só, recrudescer a tuberculose, pois as estatísticas de 1986/88 revelam uma média de 7.000 doentes, sendo nós o País da CEE com maior percentagem de tuberculosos.

Motivo: em grande parte, a miséria. De facto, há muitas bolsas de pobreza e, infelizmente, como afirma o *Solidariedade Rural*, «*vivemos orientados por decisões de rendibilidade económica, sucesso individual, soterrando os valores da partilha, gratuidade e acção solidária.*»

PARTILHA — Duas ofertas da «*Avó de Sintra*», destinadas à «*minha família do costume*». Sublinhamos o possessivo, tão cristão! No entanto, outro aspecto a salientar: esta avozinha vê com imensa dificuldade. Tanto que, no fim duma carta, pergunta: — *Será que escrevi?! O amor que dedica aos Pobres!*

Assinante 21319, de Guimarães, berço da nacionalidade, com oito notas «*para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Intenção: as almas dos meus familiares.*»

Cinco mil, da assinante 26152, da Foz do Douro, «*para uma viúva com filhos*», lembrando os queridos pais. A presença habitual do assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto), ajuda para uma renda de casa. Mais cinco, da assinante 14493, do Porto; «*lembrança costumada*», acentua, com a amizade de sempre. Sobras de contas, da assinante 17381, de Coimbra, berço da Obra da Rua, «*pela alma e paz de meu marido*».

O assinante 9790, de Oliveira do Douro (V. N. Gaia), perora uma oração «*pelos vítimas da guerra. O Senhor se compadeça de todas, os nossos corações se preparem e recebam a Paz do Céu e, desde modo, surja um verdadeiro amor de Irmãos, em substituição das armas de guerra*». Muito bem!

Vale de correio, de Santarém, com muita perseverança. Outra partilha fraterna, da assinante 5963, conhecida por «*uma assinante de Paço de Arcos*». Mais um discreto sobrescrito, deixado no Lar do Gaiato (Porto), com vinte notas; cem por cento de anonimato! «*Uma portuense qualquer*» manda cinco mil, «*migalhinha relativa a Fevereiro*» e acrescenta: «*É pouco, mas sempre partilhada com muito amor*». Presenças vivas, cheias de Vida, que estimulam a acção e resolvem muitos problemas.

Mais cinco mil, do assinante 8004, que motiva ontos a ler O GAIATO ou não fosse, como diz, seu «*apaixonado*». Vinte dólares, de Vancouver (Canadá).

Dois mil, do assinante 8296, Lisboa, que «*nada são para tanta carência!*» Habitual remessa da assinante 3194, também da Capital, «*com a alma tão mortificada*». Levantemos os olhos ao Céu.

Três mil, de Setúbal, «*para acudir a uma viúva com filhos*». 500\$00, de Vilares (Vila Franca das Naves). O costume, do Fundão. «*Pequena ajuda*», de uma casal amigo da Mealhada. «*Pequena lembrança*», da Covilhã. E dez mil, do Furadouro, mãe cuja alma sangra pelo filho.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — As couves estão crescidas e muito bonitas. Agora, aproxima-se a sementeira da batata.

O olival e a vinha foram preparados, nas férias do Carnaval; aproveitámos, que estávamos todos. Já se podem semear as batatas. É só começar a cortá-las e deitá-las à terra e depois comê-las. Também aproveitámos as férias para podar as videiras. Estão com outro aspecto!

OBRAS — Visto que terminaram as da casa encostada à Capela, continuam as da casa-mãe com o ritmo habitual.

Agora, já se notam algumas alterações, pois as divisões estão prontas.

GRIPE — É o que mais se vê nesta altura. Em nossa Casa, nem se fala! São mais de 10, na cama; alguns, um pouco mal. Esperamos que o frio passe para que todos melhorem.

LEITÕES — Abatemos dois leitões para comemorar a inauguração da casa junto à Capela; também, depois disso, abatemos mais outro pela reunião dos Padres da Obra da Rua.

Todos gostamos muito de leitão. E as nossas porcas têm-nos dados bastantes.

Bom proveito.

Serafim

PAÇO DE SOUSA

POMAR — Tem sido alvo de remodelação total, tarefa controlada pelo nosso Padre Manuel António com os miúdos da lenha.

Agora tem um visual mais agradável!

ALDEIA — A nossa Aldeia tem andado muito triste pelas chuvadas que não têm parado de cair, mas é sempre uma vantagem para os campos. Ficam regados, a Aldeia lavada.

VISITAS — Recebemos uma excursão da Sobreira — Recarei.



A bela avenida da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

E, também, a visita habitual da Pigal cujos amigos confraternizaram connosco.

TIPOGRAFIA — Os fotocompositores estão muito satisfeitos com um novo computador que foi instalado, principalmente para a nossa formação profissional.

É um equipamento moderno. Sofisticado. E dá-nos a hipótese de, no fim da nossa aprendizagem, não termos problemas de adaptação no mercado de trabalho. Só lucrámos, estando qualificados para saber dominar as novas técnicas.

«Cebola»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Pai Américo, num dos volumes do *Pão dos Pobres*, inicia um dos capítulos com o seguinte título: «*A Obra da Rua seduz. Todos a conhecem e querem chamar-lhe sua*». Isto ainda hoje é verdade! Quem a conhece, não mais se afasta dela. Cobre-a de carinho, de mimos; querem saber tudo acerca dela. Enfim, «*querem chamar-lhe sua*».

Ora, não ficaria também este capítulo bem aplicado aos nossos Pobres? «*Os nossos Pobres seduzem. Todos os conhecem e querem chamar-lhes seus*».

Tu, amigo e amiga que nos lês, já tens o teu Pobre? Não queres também deixar-te seduzir por um? Não queres chamá-lo a ti? Nós ainda temos uma mão cheia deles que não têm quem lhes chame seus.

É certo que são todos nossos; mas no meio da multidão perdemos-lhe a vista e então passamos ao largo e dizemos: — Hoje não há Pobres, todos têm a sua reforma. Será assim?

Vem até eles; vê com os teus próprios olhos para quanto chega a reforma!

Mas, claro, acreditamos que nem todos têm tempo disponível. Então como? Claro que não é difícil adivinhar. Estes, a quem Pai Américo um dia estendeu a mão e tirou da lama, fazem agora também o mesmo aqueles que estão atolados até ao pescoço! Sem a tua ajuda, nada podemos. Com a tua migalha, com a tua carta amiga, podemos ir muito longe e socorrer muitos. Felizmente, que a nossa

Conferência não tem andado desamparada de todo. Pai Américo lá está. E, na hora H, as dificuldades são superadas. Em tempos, uma amiga escreveu uma cartinha, preocupada com aquele casal com três filhos. Ele é alcoólico. O rapaz com vontade de ser alguém, mas não podia estudar. Pois é com grande alegria que, hoje, damos notícias desta família: O pai já não bebe. O álcool, porém, deixou marcas. Mas o rapaz está a estudar à noite. Tudo isto só é possível com a vossa ajuda. Por mais esta alegria, bem hajam todos.

Não queres chamar a ti, um dos nossos Pobres? Não te queres também alegrar com esta notícia?

Que o Pai do Céu ajude a todos.

Casal vicentino

TOJAL

PÁSCOA — Celebramos a Morte e Ressurreição de Jesus. É tempo de reflexão.

Os mais pequeninos, os «*Batatinhas*», suspiram naturalmente pelas amêndoas!

Luís Miguel Fontes

Cooperativa de Habitação

Embora as notícias, ultimamente, tenham sido poucas, não adormecemos. Pelo contrário, vivemos uma fase de grande entusiasmo, pois iniciaremos a construção dos 19 fogos durante o próximo mês de Abril.

Temos empreiteiro. Acabou todo o processo da papelada. Esperamos que o Instituto Nacional de Habitação defira o financiamento, estando em jogo cerca de 105.000 contos. Número que nos assusta! Mas tivemos um grande mestre que nos ensinou a não ter medo quando o investimento for em prol de alguém que precisa de ajuda.

Pai Américo iniciou a Obra da Rua sem ter um tostão e as Casas do Gaiato foram aparecendo, espalhadas por todo o País, dando família a muitas centenas de rapazes.

O Património dos Pobres, outra iniciativa que também nasceu do nada, dá abrigo a milhares de famílias pobres, de norte a sul do País.

Os Padres da Rua dão todo o apoio a esta iniciativa e estimulam: — Andem prá frente!

O arquitecto Barbosa tem sido incansável. Preparou e ofereceu o projecto à Cooperativa. Contamos com ele no apoio técnico.

Contaremos, ainda, com os nossos Leitores que serão uma pedra muito importante nesta caminhada. Quem não puder oferecer uma casa, dê uma telha. Testemunhamos a nossa gratidão e dos futuros ocupantes. O valor está no amor e carinho que acompanha a oferta. Assim Pai Américo nos ensinou.

OFERTAS — M. Rosário, de Castelo Branco, dez contos «*para a Cooperativa de Habitação dos nossos queridos gaiatos, com muito amor e carinho*». Assinante 38712, 12.000\$00: «*É uma pequenina ajuda. Somente uma pedrinha, mas dada com a maior boa vontade*». Maria José, de Lisboa, 5.000\$00 «*para algumas telhas*». M. Coroado, de Lisboa, «*o cheque do costume*». Que Deus vos pague.

Carlos Gonçalves

RETALHOS DE VIDA

«COELHO»



Eu sou o Júlio Manuel Matos da Graça, mais conhecido por «Coelho» entre a malta.

Vivia na Gafanha da Encarnação. Quando vim para a Casa do Gaiato tinha 11 anos.

A minha família tratava-me bem. Às vezes, ia no barco com o meu pai para o mar. Em terra, tirava peixes da rede e dava-os à minha mãe. Chamava-lhe nomes feios! Mas, agora, desde que vim para a Casa do Gaiato, deixei de me portar mal.

No futuro penso ser pescador porque é uma profissão de que gosto muito, apesar de ser arriscada. Gosto do mar!

Júlio da Graça

Do que nós necessitamos

Costuma dizer-se que o bem irradia, comunica-se e tem muita força. Não há barreira mais segura para sustentar o mal que a força do bem. O segredo da vida feliz está na partilha do bem que se é e se tem. Deixamos falar a experiência: «...e porque de facto admiramos a vossa Obra, a vossa dedicação e o vosso espírito de sacrifício, envio esta pequena lembrança para que os rapazes tenham o que é preciso».

Engenheiro amigo faz a sua oferta e lembra, a propósito, que o Natal não devia ser «mercantil» mas exclusivamente dedicado à família, passando o dia de Reis a ser o «dia dos presentes». Aqui fica o alvitre acompanhado do exemplo.

A Vida Eterna começa aqui e agora. É vida em comunhão que se prolonga para além da morte: «E envio este cheque, fruto do ofertório da Missa do 7º dia de M. C. A. L.». Quem dá por devoção e o faz com alegria entra numa experiência jamais satisfeita: «Aqui envio a ajuda habitual, um bocadinho aumentada, conforme tinha prometido e foi possível, graças a uma promoção profissional». Por vezes, quanto mais se tem mais se deseja para se possuir mais. Aqui, não. «Graças a uma promoção profissional» mais pode dar. São perspectivas diferentes; radicalmente diferentes.

Não fosse a mensagem que acompanha os algarismos teríamos nesta coluna um espaço frio. São pedaços do coração repartidos, portadores de calor humano: «Gostaria de dar mais na medida exacta do bem que me faz a leitura d'O GAIATO. Era tão bom que o mundo aplicasse a sua energia na ajuda e compreensão uns dos outros. Só se esconde e mente quem procede mal. Não quero que me agradeçam, mas peço uma oração para que no meu lar seja percorrido o caminho da Verdade; só assim a alegria e o amor terão expressão». Outra mãe felicita-se ao abrir as portas do seu coração:

«Desta forma desejo partilhar a alegria do final do curso dum dos filhos». Escondo propositadamente os números para realçar a mensagem.

A lógica de quem entra na dinâmica natural do «pôr e tirar», do ter para repartir, é mesmo esta: «Como o meu ordenado dobrou no mês passado vou dobrar também a minha dádiva». Estas coisas entendem-se quando se experimentam.

«Já dizia Pai Américo que queria dinheiro de vivos e não de mortos; por isso não deixo para amanhã, que pode ser tarde.» As pessoas vão formando a sua consciência de forma segura. O elemento social, comunitário, é parte integrante dessa formação.

O povo português é solidário. As obras sociais, há séculos instituídas e as de agora, falam por si. Esta nota acompanha-o para qualquer parte aonde vá.

A Obra da Rua dá testemunho de que assim é: Da Alemanha, da Austrália, da América, da África, da Ásia, chegam notícias, amiudadas vezes. Bem hajam todos aqueles que ficam ligados pelos braços da generosidade.

«Junto um cheque, quantia que corresponde a umas 'broas' que me ofereceram e resolvi dirigi-las a vós por intenção de meus pais, mulher e filhos.» Na simplicidade, ao jeito da corrente dum ribeirinho, abrem-se as mãos e põe-se devoção no que se tem e no que se dá. Quantas vezes não é em dinheiro, é doutra forma não menos valiosa: «Por incrível que pareça, não vos conheço pois nunca vos fui visitar, embora todos os anos tenha essa intenção, mas também vos digo que já sou vosso amigo e um modesto colaborador desde 1972, altura em que vos arranjei 40 assinantes para o vosso jornal!»

A educação que não desperte na criança a vocação social é incompleta e falha. Por isso,

vemos com muito interesse o cuidado das Associações de Pais das várias escolas; dos professores e outros grupos comprometidos nesse sector, para que os filhos e os alunos cresçam de modo equilibrado, na abertura aos Outros: «A solidariedade neste mundo tão desumano é a solução mais eficaz para tantos problemas e é com este espírito que mando esta pequenina contribuição. É dada com muito boa vontade, embora não chegue para 'pagar' o bem que me faz à alma a leitura do vosso jornal. A minha consciência desperta e sinto-me mais humano». São testemunhos actuais de pessoas que fazem, voluntariamente, a experiência da partilha. «Como é bom amar o Senhor quando se ama os Pobres, a começar pelos pequeninos. É feliz aquele que dá, mas ainda é mais feliz aquele que se dá. Eu só vou fazer aquilo que prometi; faço-o com muita alegria. O Senhor dá sempre cem por um e muito mais.» Não podemos nem devemos esconder a luz que nasceu para alumiar.

As dádivas põem as pessoas no seu lugar. Estender a mão e agarrar a mão é um gesto de dependência que pertence a toda a gente. É caminho de comunhão. Vemos a esta luz a súplica da mãe pelo seu filho de 30 anos para que seja digno e honesto. Mais: «Peço uma oração pelos meus pais e também pelo meu marido e pelos três filhinhos que o Senhor me levou». Quanto amor não é preciso para se ser bom médico! Quem assim fala e escreve é a mãe.

«Li o vosso jornal. Com efeito, depois de o ler, sinto que aterro num lugar, vá lá, num mundo em que há muitos problemas à mistura com muita generosidade que, depois, se transforma em muita alegria». Que bom!

Padre Manuel António

DOCTRINA



A Caridade alegra-se com o bem
S. PAULO

• Os periódicos da capital deram conta da inauguração da Obra — «Quinze dias de férias» — a qual Obra organiza grupos de gaiatos, creio que também da rua, em temporadas de duas semanas cada um, no campo. Debruçado no peitoril, o pobre dela exulta de alegria quando vê ao longe, noutras terras, gente a lançar mão de outros miúdos para lhes fazer bem; e se alguma tristeza sente, é unicamente a de não ter os mesmos recursos para fazer as coisas na mesma escala.

• Ai!, que se eu tivesse por mim, ao meu lado, não teórica, mas eficazmente, tudo o mais que nas gazetas se anuncia, havia de levar muito mais longe o número de colonos e o tempo da sua duração. Mas não. Nós fazemos tudo com migalhas anónimas, recolhidas com muito trabalho e muita penúria; e em vez de ministro que nos estenda a mão, temos a do pequerrucho de sete anos que no-la estende do fundo da camarata, num aflito «senhor padre Américo, eu quero fazer caca!» Conquistar assim a confiança do pequenino, que passa por cima do carinho e da solicitude dos dirigentes moços e vem, direito a mim, trazer a confiança que somente se faz às mães, é ser aqui muito mais do que pai — é ser mãe de cada um deles!

• Isto quer simplesmente dizer que a gente serve os gaiatos com nossas próprias mãos e o amor de Deus nas cinco pontas dos dedos. Servir bem. Servir sem desejo nem esperanças na recompensa. Servir por amor, como ensinou e fez o Mestre: «Eu vim para servir e não para ser servido». Servir assim, é prestar para alguma coisa na vida. Esta energia escondida aos olhos do mundo profano, é infinitamente mais poderosa do que a dos astros e faz com que deles caiam migalhas de pão, diariamente, no arraial das Colónias de Campo.

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2ª vol.)

SETÚBAL

Continuação da página 1

O grito dos Pobres

Se Jesus incarnasse hoje e pregasse como naquele tempo, diria aos portugueses: «Vinde benditos de Meu Pai porque Eu não tinha casa e deste-Me esta possibilidade. Afastai-vos malditos porque Eu criei-Me num curral ou numa barraca e vós, em boas casas não quisestes saber». Acrescentando, ainda, outras necessidades urgentes dos homens caídos em degradação.

Aqui, como alguém me dizia há tempos, Jesus partiu a loiça toda. Que interessa toda a roupagem religiosa se ela não conduzir ao compromisso de acudir às necessidades vitais do homem? É por elas que seremos julgados.

Como havemos de pregar o Evangelho se a nossa vida não for uma permanente e devoradora inquietação pelas privações que tantos estão sujeitos por culpa nossa? É por isso que para anunciar a Boa Nova aos Pobres é preciso ser-se pobre.

Desapareceu da nossa memória aquele simples e evangélico esquema XIII do Vaticano II. Sente-se que para os Pobres tudo é difícil, senão impossível. E não me venhas dizer que eles não querem trabalhar. Olha que a muitos nunca foi dada qualquer educação ou estímulo para ganhar o pão com o suor do rosto. Viveram sem casa, sem família, sem educação ou instrução, marginalizados em escravaturas actuais, muito piores e mais sofisticadas do que as antigas.

Gastam-se rios de dinheiro em futilidades, até em casamentos e funerais religiosos, sem qualquer chamada de atenção dos reponsáveis por medo de desagradar.

Queimam-se tempos infinitos em passeios, fins-de-semana com vícios sociais e distrações dispensáveis, sem qualquer dor de consciência.

Multiplicam-se escandalosamente as festanças em banquetes a propósito de tudo e tantos cristãos vão na onda — cegos conduzindo cegos.

O mundo do dinheiro e da banalidade é cada vez mais avassalador e o grito do Pobre não se escuta.

Padre Acílio

Continuação da página 1

homem é dono da verdade. Mas a Verdade é; e por ser, constitui um apelo e um pólo de convergência para todos os homens de recta intenção e de bom senso, que não fazem tábua rasa das certezas firmes e confirmadas pela experiência das gerações que os precederam. Aliás, o próprio conhecimento científico cresce a partir de teorias que são princípios de certeza a fundamentar a caminhada e que são aceites como tal enquanto não dão à luz outras certezas que aperfeiçoam — mais do que desmentem — as anteriores. Todo o conhecimento é perfectível, pois. Mas isso não invalida que, em cada momento, ajamos com a certeza que possuímos. Nem há outra possibilidade de agir! A moda corrente, nem sei, pois, como interpretá-la: se como ambição precipitada do Absoluto; se pelo desprezo d'Ele, que outra coisa não é, praticamente, o querer construí-LO em vez de procurá-LO.

De facto, no campo social onde se deve processar a defesa dos Fracos, assiste-se: a um complexo de dúvida no pensar, de tibieza no agir; a uma intelectualite auto-sufi-

DIREITOS DA CRIANÇA

ciente, a um passo do autoritarismo, que estuda muito (nos gabinetes, não no próprio campo), reúne bastante, produz um discurso denunciativo de diletantismo, não de paixão; e conclui no outro extremo vicioso em que pode cair a Autoridade: relaxe no serviço que se propõe satisfazer.

Desde já aponto uma falha que julgo fundamental: Ilude-se o homem que procura o bem do outro homem apenas apoiado no dinamismo do seu querer-bem ao outro. Fica por perto! Depressa cansará! Só no mistério do amor de Deus pelo homem se encontra a luz e a força que nos torna capazes de ir mais além («até ao fim», que é a medida do amor autêntico!), de avançar invictos, apesar de todas as derrotas intermédias que o serviço dos Outros inevitavelmente traz. O homem orgulhosamente só (digo-o aqui em relação a Deus, sendo também verdade em relação aos outros homens) está condenado à ineficácia.

Ineficácia, eis uma pedra de tropeço em que tantas vezes nos ferimos, os que

lutamos no campo e vamos pensando durante a batalha..., que o gabinete é sol de pouca dura. Ineficácia de uma Autoridade confusa nos critérios, indecisa e lenta na acção, que começa e não acaba (estuda, entretanto...), deixando desarmados no campo de defesa dos mais fracos dos Fracos — as Crianças — os que, algumas vezes, ela própria empurrou para a luta. Ineficácia de uma Autoridade débil (não sei se no pensamento, se na vontade, se nas duas coisas) que pretende remediar as consequências sem prevenir as causas (embora fale, frequentemente, em medidas integradas), pois, em nome de um falso conceito de Liberdade, é mais permissiva de liberdades que afectam directamente a Criança do que de outras que afectem interesses instalados.

Quem dera cantássemos melhor o génio de Fernando Pessoa, fundando com ele, com profunda sinceridade, com apaixonada coerência:

«O melhor do mundo é a Criança!»

Padre Carlos

ENCONTROS

EM LISBOA

A meio da Quaresma aconteceu a alegria!

Havia bastante tempo que as coisas não andavam a correr bem ao Rui. Ele sabia. Várias vezes lhe dei algumas indicações. Faltava a paz. Pressentia-se a revolta interior. Chegou o dia que tive mesmo que fazer um tribunal. O tempo da paciência e da espera tinham-se esgotado. Publicamente, foi castigado. Custa muito, faz sofrer. Esperamos do castigo um tempo de reflexão. Ansiosamente, tentamos colher o resultado.

Passou quase uma semana. Cruzávamo-nos várias vezes ao dia. Nele, sentia o furacão dos quinze anos, o «estou farto disto tudo». Rezava e aguardava que a serenidade voltasse... Voltou um dia à noite, já depois do estudo. Toda a casa estava em silêncio. Entrou e disse: «Quería falar com o senhor Padre». Mandei-o sentar. Eu não estava seguro do que iria acontecer e do que iria ser dito. Poupe-me à espera e avançou: «Quería pedir desculpa. Na próxima vez que for preciso, pode contar comigo. Quero ir».

Diante de mim o Rui cresceu, cresceu... Tornou-

-se homem. Não faltou nada: o tempo, o reconhecimento da falta, o sofrimento (estas coisas fazem sofrer muito), o projecto de um outro futuro.

O desejo de lhe perdoar era grande. Não o podia fazer. O primeiro passo tinha que ser dado por ele. Facilitar o caminho é uma coisa, substituir o rapaz nos seus actos, na sua reflexão, no seu tempo de amadurecimento, no seu sofrimento, na sua solidão, no seu caminhar, é algo que não podemos fazer, se queremos que ele cresça.

Foi assim que aconteceu a alegria. O encontro entre nós dois. Não sei explicar bem esta alegria. Invade-me quando o Evangelho aparece. As palavras só atrapalham porque nem sequer as sabemos escolher para dizer o que se está a passar. Segredos da presença divina por que vale a pena dar a vida!

Há ocasiões em que tenho muita dificuldade em explicar aos nossos rapazes e fazer-me entender por eles, que nós somos tão dignos quando nos arrependemos do mal como quando praticamos um acto de heroísmo. Reconhecer a falta, pedir perdão, orientar-se por caminhos que não levem à mesma falta é só por si, também, um acto de heroísmo. Mais, crescemos

no conhecimento de nós próprios: frágeis, é certo, mas capazes de lutar, de levantar a cabeça, de corrigir o que está errado. Assim se fazem os homens, os homens sábios, os homens santos.

O Rui, e também os outros, poderá errar mais vezes. Se houver o tempo e a disponibilidade para o perdão será Homem. Disso não tenho dúvidas.

Padre Manuel Cristóvão

Notas da quinzena

Continuação da página 1

coração. Fixei os meus olhos pecadores no rosto daquela jovem; vi a alegria da mãe e a comoção do pai, com o filho mais novo a seu lado. É um gesto nobre de que os grandes meios de comunicação social não dão conta. O GAIATO quer ser um mensageiro de esperança que não engana, quando as coisas negativas, carregadas de miséria, ocupam por vezes o primeiro lugar nas páginas dos jornais ou no écran da televisão. Vejo neste jovem filho a multidão que leva o sangue novo que há-de manter vivo e humano o nosso mundo. Quem duvida?

Ainda não estava refeito do choque daquele encontro quando outra mão pousa sobre o meu ombro e a voz de pessoa bem colocada na vida diz baixinho ao meu ouvido: «Venho desobrigar-me. Leve para onde for mais necessário. Luto em minha consciência para ver onde está o meu supérfluo e que não me pertence».

É na consciência que se travam os grandes combates e não noutro sítio. Com as armas da Justiça e da Verdade o mal há-de ser vencido pouco a pouco. A experiência destes encontros abre caminho à perseverança, à paciência, à serenidade... mesmo que à nossa volta a miséria pareça ganhar terreno.

Padre Manuel António

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



Frequentemente saem visitantes de junto do leito dos doentes do Calvário com os olhos arregalados de espanto: «Eles são felizes, apesar de tudo...» E são!

De vários pontos do País temos recebido listas recheadas de assinantes. Também de comunidades lusfadas no estrangeiro. Eis um porta-voz, da Alemanha, missionário naquelas paragens, que traz, pela mão, dez novos leitores:

«Leio com muita devoção, com muita atenção, com muita admiração, O GAIATO. E o trabalho apostólico a favor das crianças da rua, dos pobres e dos sem casa.»

Entre os que não perdem ocasião de expandir O GAIATO, mais uma oportuna notícia da assinante 11925, de Algés:

«Espero que se divulgue, cada vez mais, o vosso jornal. Depois de os receber, e em vez de os deitar ao lixo, ponho-os numa mesinha que normalmente tem publicações da paróquia, para ser útil a quem desejar inscrever-se como assinante. Mas, pelo menos, lêem e ficam a par da Obra da Rua.»

Que dizer da proveitosa acção duma professora ribatejana?!

Novos Assinantes

«Solicito que sejam considerados assinantes os seguintes indivíduos, (...), pais de alunos da Escola Preparatória. É uma pequena semente que bem gostaria frutificasse nas almas que irão ler a mensagem d'O GAIATO: amor, paz e fraternidade — tão necessários entre todos nós. Só tenho pena que outros não tivessem sido tocados.»

E estoura?:

«Outrora comprava O GAIATO e não o lia! Tive necessidade de entrar em contacto com a Obra da Rua por um lugar para dois rapazes que necessitavam dum lar onde tivessem carinho e amor. Esse amigo passou a mandar-me o jornal cuja leitura devoro, logo que o recebo.»

Como o pequenino mensageiro passa de geração em geração, eis a afirmação dum tripeiro:

«Para deixar herdeiro — a exemplo de meu pai — tomem nota da seguinte assinatura (...) a começar pelos jornais de Janeiro.»

Testemunho de pai para filho!

Curiosa a presença de leitores-avulso que se inscrevem directamente.

Coimbra:

«Sou um deficiente motor. Estou no 11.º ano e faço uma vida perfeitamente normal. Mas falta-me qualquer coisa para ajudar os Outros.»

Um dia, quando minha irmã chegou a casa com O GAIATO, lembrei que o que me falta é ser solidário, partilhar, ser assinante do vosso jornal.»

Tomar:

«Ocasionalmente, adquiro O GAIATO aos pequenos distribuidores que se deslocam a esta cidade. Todavia, interessa-me ser assinante.»

Através dele tomo conhecimento da Obra da Rua, especialmente no que respeita à construção de habitações para os Pobres.»

Acolhemos muitos outros com idêntico interesse em devorar as páginas do Famoso!

Padre Telmo

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tribuna de Coimbra

Faleceu o António Manuel Constante. Ontem fui à igreja de Quiaios celebrar a Eucaristia por alma dele. Comigo foram o irmão Abílio e o José Cupido. No fim da Eucaristia estivemos uns momentos com a mulher e o filho, na casa que eles construíram com muito amor e sacrifício. Pareceu-me que a casa e o jardim também estavam tristes.

O Constante, agora com trinta e seis, viveu os seus últimos anos mergulhado na doença que tem atingido aquela família. Procurou aceitar as dores e a incapacidade de movimentos.

Veio para a nossa Casa com nove anos. O Abílio tinha seis. Ficaram órfãos de pai e mãe muito cedo. O Constante foi subchefe maior e chefe do grupo construtor da nossa casa da Praia de Mira desde o primeiro ao último dia. Ajudou-nos muito.

Recordo as últimas vezes que o Constante veio a nossa Casa. «Venho despedir-me», dizia ele, agarrado ao ombro da mulher. A última vez foi há poucas semanas.

A vida é um dom de Deus. Tem muito de mistério. A doença entra, muitas vezes, na zona de mistério. Porquê tantos anos? Porquê tantas dores? Porquê não toca a todos? Deus é o único Senhor.

O Abílio continua connosco. Muitos dias mal se pode mexer. Passa muito tempo no Centro de Saúde. É querido de toda a gente. Apaixonado por todas as máquinas agrícolas. Tem muita pena de já não poder fazer trabalhos. Gosto muito de o ver resignado.

Acreditamos que o António Manuel Constante e o outro irmão que faleceu, há tempo, estão em paz na Casa do Pai; eles que saborearam nesta vida muitos momentos de purgatório. Que nos recordem junto do Senhor.

Padre Horácio

PARTILHANDO

Continuação da página 1

Dependem, somente, de nós, a beleza e execução do projecto do Senhor!

Vocação específica da Obra da Rua

• Embora do Evangelho, não é o «cem por um» que nos deve mover. Somente o amor do Senhor e dos irmãos. E, pela vocação específica da Obra da Rua, os mais doentes, mais pobres e mais abandonados.

Vem com o coração liberto. Sacode no último ribeiro as últimas areias das sandálias.

• Ainda haverá mimosas floridas na encosta de Gouveia. A Casa Rainha do Mundo — das Irmãs de S. João Baptista e Maria Rainha — 6290 Gouveia, vai acolher-nos. Talvez encontraremos, ainda, os cumes da Estrela cobertos de neve.

Certezas, só uma: O Senhor estará lá e no meio de nós.

Padre Telmo

Júlio Mendes